

## **INTENCIONALIDADES E REPRESENTAÇÕES NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA**

MATTIODA, Sonia Regina Griffó – UERJ

GT: Currículo / n.12

Agência Financiadora: CNPq

Nossa cultura nos instrui muito cedo sobre a diferença entre o masculino e o feminino. A família e a escola se mostram preocupados em marcar as diferenças entre os meninos e meninas, entre os homens e as mulheres. Tais marcas se apresentam nos corpos, através de ornamentos obrigatoriamente femininos ou masculinos e do comportamento social de cada indivíduo. Portanto, todas as instituições sociais e culturais fundamentam as identidades na feminilidade e na masculinidade através de símbolos que assinalam os gêneros e interferem no processo de construção das identidades.

Entendendo o gênero como uma construção social e não uma distinção biológica e a formação das identidades como um compartilhamento de significados culturais, pretendo, em meu estudo, identificar como são representadas as identidades femininas e as identidades de gênero estabelecidas nos livros de literatura infanto-juvenil<sup>1</sup>, usados como paradidático, nas aulas de Literatura Brasileira, no Ensino Médio. Livros classificados como “subliteratura”, porque apresentaram uma linguagem que se afasta da linguagem culta utilizada pelos clássicos da literatura. Pretendo identificar, também, os estereótipos que determinam a construção da identidade feminina através das narrativas.

Opto por trabalhar com a análise do feminino por observar, em sala de aula, durante as leituras, que a representação do gênero feminino é a mais visada pelos autores/as, estabelecendo uma relação entre textos literários e o discurso feminino. Estas são questões levadas em consideração dentro do contexto ligado à leitura de textos modernos: as práticas rotineiras e comuns dos adolescentes, os gestos, as palavras, questionamentos e a desconfiança.

Creio haver uma intencionalidade nas representações femininas através do “discurso” de certos autores/as. Os discursos e representações que me preocupam relacionam-se ao processo de formação de identidade da adolescente, profundamente

---

<sup>1</sup> Livros usados na pesquisa: “A primeira vez a gente nunca esquece”, de Patrícia Barbosa; “De menina a mulher II”, de Drica Pinotti; “A agenda de Carol”, Inês Stanisiere; De menina para menina, de Inês Stanisiere; “Plano B: Missão Namoro”, de Angélica Lopes; “Fala sério, mãe!”, de Thalita- Rebouças; “Fala sério, professora!”, de Thalita Rebouças.

marcada por padrões impostos pela sociedade, que não podem ser ignorados e que, se opõem, destacando o binarismo recorrente da cultura e do momento histórico vivido. Levando em conta que existe um padrão estético estabelecido para feminilidade e avaliando a influência da sociedade que é exercida sobre a auto-estima corporal das mulheres, procurarei reconhecer como a imagem física, entrecruzada com o meio sócio-cultural, pode desencadear a imposição de estereótipos dos grupos que fogem aos padrões culturais. Questionarei a maneira como as narrativas colocam determinados padrões morais caracterizados como “normais” e que devem ser afirmados através das identidades femininas.

Existem diferentes teorias sobre o estudo de gênero, em diferentes áreas, levando em consideração a dicotomia entre o masculino e o feminino, no momento em que se classifica a posição do sujeito inserido em um debate de representação do sujeito. Porém diferentes propostas sobre este estudo evoluem para os questionamentos ideológicos. Vários discursos sobre estudo de gênero tendenciosamente deslocaram-se para o estudo da mulher, negando sua importância como identidade, sexualidade, raça, etc. Evidencio que tal fato é explicado através de uma perspectiva histórica de exclusão feminina e dominação masculina.

O estudo do gênero mostra as transformações pelas quais a sociedade moderna vem passando. Louro (1997) destaca a importância dos movimentos feministas a partir da década de 60, que desencadearam maior “visibilidade e expressividade” ao conceito de gênero. A credibilidade nos Estudos de Gênero passou a representar a “integração do universo feminino do conjunto social”.

Segundo Louro (1997) o termo gênero significa “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença”. Isso porque ao aplicar um conceito que denota características sexuais “são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas e que se vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico”, ou seja, a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas resultou na sua invisibilidade como sujeito, até mesmo para Ciência.

Dentro dessa perspectiva, se reconhece que mulheres e homens não nascem bons ou maus, afastando a idéia de polarização entre os sexos (Louro,1997). Masculino e feminino são concebidos e definidos por intermédio de práticas masculinizantes ou

feminizantes, de acordo com os conceitos construídos no processo de relação (Louro,1997)

Homens e mulheres começam a fazer parte de um mundo social que estabelece parâmetros, ou seja, masculino e feminino passaram a ser vistos como partes de um processo evolutivo, contínuo e ativo das instituições sociais. Levando em consideração todas as transformações sociais, percebo uma dinâmica que envolve novas estruturas e categorias sociais. Scott (1995) argumenta que é necessária a desconstrução “do caráter permanente da oposição binária” masculino-feminino. Para Scott, o pensamento dicotômico e polarizado usados para entender os gêneros leva, à lógica de dominação-submissão. A base das argumentações de Scott está fundamentada por Derrida (s/d) que afirma que o pensamento moderno está marcado por dicotomias, portanto, por pólos que se opõem, mas se fazem, ao mesmo tempo, idênticos. Ao propor a desconstrução das dicotomias Derrida (s/d) ressalta a que “a constituição de cada pólo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada pólo não é uno, mas plural, mostrando que cada pólo é internamentente, fraturado e dividido.”

A noção de gênero é construída a partir da identidade do sujeito, que se constrói multifacetada, plural e elaborada em um tempo e lugar estabelecido, englobando uma realidade social (Louro 1997) entende que:

“As identidades [...] estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser ou estar no mundo.” (p.28)

Hall (2004) argumenta que o próprio conceito de identidade é complexo e ainda não apresenta uma compreensão definitiva de seu conceito afirmando que é a fragmentação, que provoca a descentração do sujeito, assim:

“Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. [...] Esta perda de um “sentido em si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.” (p.9)

Os estudos sobre gêneros têm proporcionado a acessibilidade a conceitos que tendem a aprimorar as definições sobre a identidade de gêneros. Não poderia deixar de citar os argumentos de Bhabha (1998) sobre o processo de identidade que, tangencia o

processo de diferença cultural que, evidentemente, tem grande influência na formação da identidade. Bhabha admite que as “diferenças culturais, raciais, de gênero, de classe etc. não seriam problemáticas se fossem apenas diferenças, a questão central é que elas são hierarquizadas socialmente e se transformam em desigualdades”.

E acrescentando que:

“[...] a questão da identidade nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem” (p.76)

A sociedade requer pluralidade de identidades, assim, a identidade sexual também é construída refazendo-se pelas histórias dos marcadores sociais tais como o sexo, a raça e o gênero. Sempre levando em conta que as representações que originam os significados incorporarão as experiências de vida de cada sujeito. o modo como os sujeitos expressam determinadas práticas, como a sexualidade, transforma essa manifestação de seus corpos em experiências observadas, vigiadas e controladas.

Portanto pensar as identidades de gênero chama atenção para fato de que estas estão em estado contínuo de construção e transformação. Nas suas relações sociais marcadas por diversos tipos de discursos, de símbolos, representações e práticas (Louro,1997), esses sujeitos se construirão como “masculinos ou femininos, arranjados e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.”

Nesta perspectiva, o currículo, como espaço de produção cultural, onde as práticas produzem discursos que deverão construir a identidade e a subjetividade dos sujeitos, é concebido demonstrando a preocupação de inscrevê-lo em um espaço de ações recíprocas tais como as culturais e as sociais. Concepção esta que trará como marca o “entre-lugar” (Bhabha, 1998), o espaço “onde se concentram e desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e o político” (Silva, 2003). Não esquecendo que está inserido em um determinado projeto cultural, ligado ao contexto econômico.

Desse modo, considerando que as identidades também são construídas através das práticas discursivas, portanto, ocupando um espaço de produção de cultura na escola, as abordagens elaboradas pelos currículos como espaço de enunciação têm, obrigatoriamente, que conviver com as diferenças, partindo do conceito de hibridização que, invariavelmente afetam alunos e professores. Ou seja, o hibridismo cultural não

vence os conflitos nos vários espaços em que se impõe, mas mesmo havendo opiniões desfavoráveis, surgirão várias propostas multiculturais. O importante é estar atentos às práticas que ocorrem no cotidiano das salas de aula, bem como, os significados que constroem as identidades ou produzem as diferenças inseridas nos currículos.

Assim a literatura, como disciplina humanística, favorece a construção do conceito de identidade exatamente no momento em que o “descentramento do sujeito” remete à pluralidade de identidades. A prática discursiva intervém como autoconhecimento e possibilita a ligação com os aspectos psicológicos. Assim, como os processos discursivos permitem a construção da subjetividade, a literatura alcança o ponto ideal para a construção do indivíduo social.

Questiono um tema controverso, através da literatura infanto-juvenil, como a construção das identidades de gêneros e suas implicações transversais, como a criação de estereótipos, podem atingir os sujeitos em tempo de culturas híbridas e identidades fragmentadas.

## Bibliografia

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Porto: Rés, s/d.

FARIA, Maria Alice. **Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam**. São Paulo: Contexto, 1999.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MACEDO, Elizabeth. Ciência, Tecnologia e desenvolvimento: uma visão cultural do currículo do Ciências. In: LOPES, Alice Casimiro & MACEDO, Elizabeth (orgs.). **Currículo de Ciências em debate**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil da análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre Vol 20 (2), jul/dez. 1995.